

## **Atividade industrial gaúcha inicia o segundo semestre em alta**

Indicadores de julho mostraram os primeiros sinais da saída do setor da maior crise de sua história.

## **Taxa SELIC pode encerrar o ano no menor nível da história**

## **Produção industrial do RS mostra recuperação lenta**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

**UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS**

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Atividade industrial gaúcha inicia o segundo semestre em alta

Indicadores de julho mostraram os primeiros sinais da saída do setor da maior crise de sua história.

A atividade industrial gaúcha, aferida pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), voltou a crescer em julho, 1,4%, na série com ajuste sazonal, puxado pelas compras industriais, que cresceram 6,3%. Com isso, o índice, que vinha mostrando estabilidade, esboça uma reação. De fato, a média móvel trimestral (usada para medir tendências, amenizando a volatilidade mensal) encerrada no mês, quando comparada aos três finalizados no mês anterior, registrou a quarta taxa positiva seguida (1,0%), o que não ocorria desde fevereiro de 2013.

Os resultados anuais corroboram a melhora da atividade industrial no início do segundo semestre em suas diversas formas de comparação. Ante o mesmo mês do ano anterior, o IDI/RS cresceu 3,8% em julho, a maior taxa em 45 meses e a segunda positiva em três meses, fato inédito desde fevereiro de 2014. Com isso, a atividade industrial gaúcha expandiu em bases trimestrais (últimos três meses sobre igual trimestre do ano anterior) pela primeira vez em 41 meses: +1,8%.

As taxas em comparações mais longas seguem negativas, mas cada vez menos acentuadas. No acumulado do ano até julho, o IDI/RS apresentou a menor queda de 2017, -0,6%, ante os primeiros sete meses de 2016. Nos doze meses encerrados em julho, ante os doze imediatamente anteriores, a contração (-2,0%) foi a menos intensa desde agosto de 2014.

Os componentes do IDI/RS mostraram resultados díspares no acumulado do ano. Apresentaram crescimentos, o faturamento real (+1,1%), a massa salarial real (+2,1%) e a UCI (+0,2 p.p.). Registraram quedas, as horas trabalhadas na produção (-2,4%), o emprego (-1,7%) e as compras industriais (-1,4%).

As perdas setoriais, generalizadas nos últimos três anos, atingem nove das dezessete atividades pesquisadas. Destaques para Alimentos (-3,2%), Veículos automotores (-4,0%) e Móveis (-2,7%). Por outro lado, Máquinas e equipamentos (+3,6%), sobretudo o segmento de Máquinas agrícolas (+16,5%), Produtos de metal (+4,3%) e Tabaco (+11,4%) fornecem os impactos mais importantes, com crescimentos associados, principalmente, a exportações e ao setor agrícola.

Os Indicadores Industriais do RS de julho mostraram os primeiros sinais de saída do setor da mais longa e intensa crise de sua história, ainda que sejam incipientes, sujeitos a oscilações e influenciados por uma base muito deprimida. A indústria gaúcha ainda sofre as restrições da demanda doméstica enfraquecida. A tendência também é relativamente animadora com a inflação e os juros declinantes, o emprego e as altas das exportações industriais e da agropecuária.

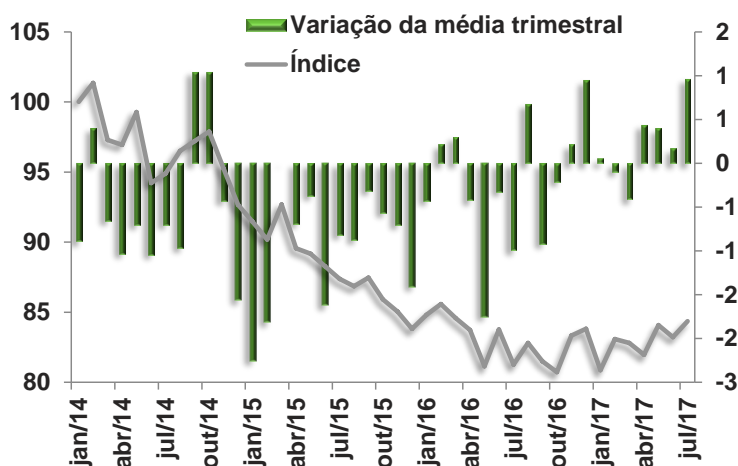
Portanto, a evolução dos indicadores confirma a perspectiva da volta ao campo positivo, processo que deve ser longo e gradual. A estabilidade política e as reformas, porém, são a sua base de sustentação.

### Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul (Variações em % – julho de 2017)

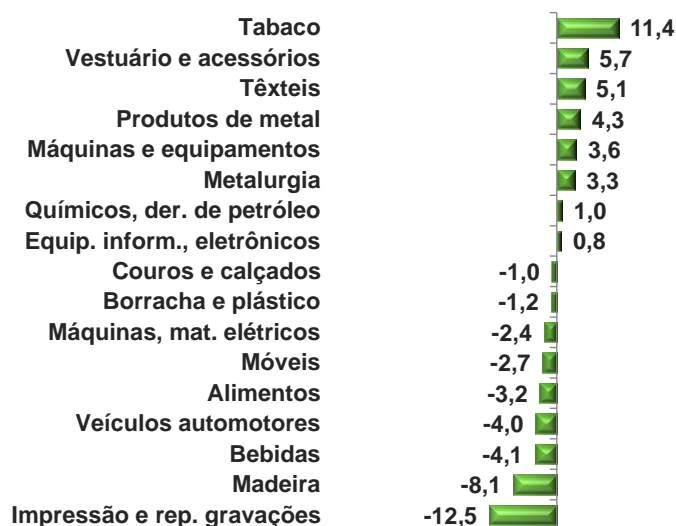
	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	1,4	3,8	-0,6
Faturamento real	-0,9	10,3	1,1
Horas Trabalhadas na produção	-1,8	-0,5	-2,4
Emprego	-0,2	-1,4	-1,7
Massa salarial real	-0,5	3,8	2,1
Utilização da capacidade instalada	-0,6	1,0	0,2
Compras Industriais	6,3	10,8	-1,4

\* Dessazonalizado

### Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS (Índice mensal com ajuste sazonal- Base: jan/2014 = 100 e Variação (%) da média móvel trimestral)



### Índice de Desempenho Industrial do RS – Setores (Variação acumulada no ano – julho de 2017 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.

## Taxa SELIC pode encerrar o ano no menor nível da história

Na semana passada, o Comitê de Política Monetária (COPOM) decidiu manter o ritmo de corte da taxa básica de juros da economia brasileira em 1 ponto percentual (p.p.), em linha com as expectativas do mercado. Como resultado, a SELIC atingiu 8,25% a.a.. Desde o início do ciclo expansionista da política monetária, em outubro do ano passado, os juros já caíram 6 p.p..

Entre os motivos que justificaram essa decisão está a melhora do balanço de riscos para a inflação. O IPCA surpreendeu positivamente em agosto (0,19%), abaixo da mediana do mercado (0,38%), conforme o Relatório FOCUS. No acumulado dos últimos doze meses com término em agosto, o IPCA variou 2,46%, ficando abaixo do piso da meta (3,0%). Trata-se do menor valor nessa base de comparação desde fevereiro de 1999.

As expectativas para a inflação em 2017 continuaram ancoradas. Na penúltima reunião, a mediana das previsões para o IPCA no presente ano era de 3,36%, passando para 3,38% na semana passada. Para 2018, também não houve alteração significativa: de 4,2% para 4,18%. Entretanto, a divulgação do IPCA de agosto já provocou revisão considerável da estimativa para esse ano: o número mais recente, divulgado hoje, é de 3,14%.

No lado real da economia, os sinais de recuperação começam a ficar mais claros. O PIB do segundo trimestre cresceu 0,3% em relação ao mesmo período de 2016, acima das expectativas (estabilidade). Já são

dois trimestres consecutivos de alta, fenômeno que não acontecia desde 2014. No mercado de trabalho, apesar da elevação da informalidade, a taxa de desemprego no trimestre entre maio e julho apresentou a quarta redução seguida: 12,8%. Entretanto, como ainda há grande capacidade ociosa, tanto de mão de obra quanto de maquinário nas empresas, a recuperação da atividade não deve reverberar sobre o nível geral de preços.

A estabilidade da taxa de câmbio, o cenário externo benigno e a perspectiva de continuidade do processo de reformas para reverter a trajetória de crescimento da dívida pública também podem ser apontadas como os motivos balizadores da decisão. Conforme nota divulgada logo após o encerramento da reunião, a atual conjuntura econômica demanda juros abaixo da taxa estrutural, ou seja, aquela que não provoca pressões inflacionárias ou desinflacionárias sobre a economia. A política monetária deve atuar, portanto, para acelerar o crescimento da economia ao estreitar o hiato do produto.

Acreditamos que o COPOM deverá desacelerar o ritmo de corte dos juros na próxima reunião, a ser realizada em outubro, para 0,75 p.p., fechando o ano com mais uma redução, dessa vez de 0,5 p.p.. Nesse cenário, a SELIC encerraria 2017 em 7,0% a.a., o menor percentual da história. A continuidade desse quadro está atrelada, fundamentalmente, ao efetivo controle do gasto público, que passa pela reforma da Previdência.

## Produção industrial do RS mostra recuperação lenta

De acordo com o IBGE, a produção industrial gaúcha caiu pelo segundo mês seguido em julho, na série livre de influências sazonais: -1,5% na comparação com junho. Esse recuo esteve na contramão do Brasil no mesmo período (+0,8%). Já em relação a julho do ano passado, a produção industrial do RS cresceu 0,7%, a terceira alta seguida e a quinta do ano nesta base, resultando numa expansão acumulada ao longo dos sete primeiros meses de 2017 de 1,5%. Já a indústria nacional avançou 0,8% no ano.

Dos 14 segmentos da indústria do RS pesquisados, nove apresentaram incremento e cinco sofreram queda. A maior influência positiva na variação interanual (jul17/jul16) veio de Tabaco, cuja expansão foi de 32,5%. É importante lembrar, no entanto, que esse avanço se deve à base de comparação muito deprimida, herdada de 2016. Para se ter uma ideia desse efeito, a retração registrada entre julho de 2016 e o mesmo mês de 2015 foi de 39,6%.

Pelo lado negativo, os principais destaques vieram de Veículos automotores, reboques e carrocerias (-8,6%) e Celulose e papel (-24,4%). Com relação ao primeiro, houve queda na fabricação de automóveis, eixos de transmissão para veículos automotores e carrocerias para o ônibus. Com relação ao segundo, os

problemas em uma das caldeiras de recuperação da CMPC Celulose Riograndense foram a causa da menor produção.

A perspectiva de continuidade do processo de retomada da indústria do RS segue desafiadora. As taxas de crescimento do setor de Tabaco deverão se normalizar com o fim do efeito estatístico favorável. No que tange à Celulose e Papel, a CMPC anunciou que a produção em uma de suas linhas será interrompida até novembro para substituição dos tubos defeituosos.

No caso de Veículos, a greve dos caminhoneiros em agosto provocou a paralisação da fábrica da GM, em Gravataí, por um dia. Ademais, existe a possibilidade de que a demanda externa da Argentina sofra um revés em função da cobrança de imposto por parte do governo do país vizinho para o excesso de importação de veículos oriundos do Brasil. Vale lembrar que as exportações do segmento com origem no RS para a Argentina cresceram 59,2% em valor no acumulado do ano, sendo que a quase integralidade desse avanço se deveu às quantidades.

Portanto, a trajetória de recuperação da indústria gaúcha, deve seguir errática ao longo dos próximos meses.